

COMPRA

ZOLZEIOS

*Semanario illustrado
de Sciencias, Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

Redacção e administração:
C. do Jogo da Pella, 6.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Tiragem 6:000 exemplares.

DIRECTORES

Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA
Artísticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

CONDICÕES DE ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

SERIE DE 15 NUMEROS	
Lisboa e provincias.....	300 rs
Colonias	400 .
A cobrança pelo correio é augmentada de 60 réis.	

Segunda-feira
18 DE MAIO DE 1908

NUMERO AVULSO 20 REIS



CHÁ

E TORRADAS



— Não fazes ou não fazes o chá e torradas?

— Já lhes disse que não tenho assumpto.

— Qual historia; assumptos apparecem por ahi a cada canto.

— Não duvido, mas como não ando, como vocês, de nariz no ar, a farejar tudo quanto se passa, declaro-me impossibilitado de escrever o quer que seja.

— Olha, falla dos luctadores que estão no Colyseu.

— Ora, meus amigos, n'essa não caio eu. E' assumpto exgotado e já uma vez levei uma tarefa da minha creada por imaginar que nem o proprio Raku me vencia.

— E' verdade, não me lembrava; tu contaste a scena.

— Conteí, para vergonha minha e para nunca mais tornar a meter-me em fôfas. E sempre lhes direi que tal lucta não tem nada de edificante.

— Ora essa, então porquê?

— Inda perguntam porquê?! Essa não está má. A minha pena é não os vêr a luctar com aquelles delicadissimos mancebos.

— Querias então que ficassemos todos com as ventas esmurradas?

— Ah! concordam; pois ainda bem, estou satisfeito. A minha opinião é exactamente essa. Tudo se reduz a levar meia duzia de soccos, pontapés, para lhe não chamar outra cousa, e no fim de tantos minutos e tantos segundos, venceu o sr. A que deitou ao chão, assentando.

Eu bem sei como se lhes tirava a mania, mas não é permitido.

— Como querias tu tirar-lhe a mania?

— Como? E' a cousa mais facil d'este mundo.

— Não vejo.

— E' porque vês pouco. Pega n'um bom cacete, d'uns que se usam lá para o norte, bem ferrado nas extremidades e quando aquelles interessantes luctadores estiverem ao socco e ao pontapé uns aos outros, assenta lhes os marmellos ou os castanhos em cima do lombo e verás como immediatamente se declaram vencidos. Não ha nada para tirar teimas como um marmello de confiança.

— Já experimentaste?

— Nem quero; mas affianço-lhes que é mais facil do que todas as semanas dar chá e torradas aos vossos leitores.

— Talvez seja, mas uma dose de cacete dá cabo d'um homem ou pelo menos quebra-lhe os ossos.

— Não direi que seja preciso tanto, mas uma boa sova era, com certeza, edificante.

— E a policia?

— A policia?... Sim, ha esse contra; mas contando-se-lhe bem uma historia, dizendo-lhe quatro lérias a proposito da falta de chuva ou do bom tempo, deixa passar carros e carroças.

— Isso é conforme; nunca é bom fiar. Sempre ouvi dizer que, em seguida á bonança, volta a tempestade.

— Ou em seguida á tempestade vem a bonança e agora... agora estamos em calmaria. Era o momento psychologico.

Mascaras illustres



Gomes d'Amorim

lhe as espadoas em plena terra, o sr. B que se declarou vencido. E é tudo combinado...

— Ora essa!

— Nem mais nem menos, eu sou já muito antigo e tenho visto muita cousa, mas não conseguem embalar-me com todo aquelle espalhafato. O que eu admiro é a paciencia com que alguns dos luctadores se deixam mascarar, a indiferença com que levam meia duzia de cachações e pontapés.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 às 5—Rua da Palma, 133, 1.^o

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clinica Geral—Partos
R. de S. Roque, 67, 1.^o—Das 3 às 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO-CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.^o-D.
Consultas das 10 às 11

ANACLETO DE OLIVEIRA ♦♦♦♦
♦♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦♦
Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.^o

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.^o-D.

Januario & Mourão
OURIVESARIA E JOALHARIA
Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE
Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento, **L. M. Lilly** Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.^o, —D. Lisboa.


EXPOSIÇÃO DE
LOUÇA DAS CALDOAS
Arte decorativa
Artigos para brindes
GATOPRETO
R. de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
8 Logares
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

JULIO GOMES FERREIRA & C.^A

Fornecedores da Casa Real
82 — RUA DA VICTORIA — 88
Exposição permanente
166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas
para agua gaz e electricidade
Grande sortido de lustres
em todos os generos


SENHA DE
Consulta

As cartas dos consolentes devem vir acompanhadas da respectiva **SENHA DE CONSULTA**, e satisfazer aos seguintes requisitos:

- «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»
 - «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»
 - «Côr da pele, dos olhos, dos cabelos.»
 - «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da pele, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feito do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»
 - «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da pele.»
 - «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»
 - «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel,?»
 - «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»
 - «Tem tendencia para a violencias para o despotismo?»
 - «E' cabeludo ou glabro?»
 - «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»
 - «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»
 - «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»
 - «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»
 - «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»
 - «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»
- Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consolentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discreção.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS
A ESTA REDACÇÃO



J.101FN

COMPRA

A ZULEJOS



*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. do Jogo da Pella, 6, 2.^o
LISBOA

Officinas d'Impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Tiragem 6:000 exemplares

OS NOSSOS

SEGUNDA-FEIRA, 18
MAIO
1908

3.^a

SERIE

NUMERO

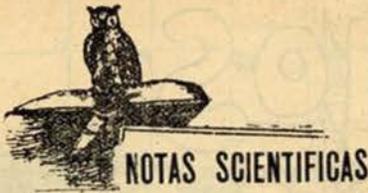
AVULSO



José Pacini

20 RS.

Todos os numeros publicam um trecho de musica



Chronica

Novas causas de mortalidade

(Conclusão)

Infelizmente, não existe apenas a conta dos lucros; ha tambem a das perdas, e d'esta ninguem gosta de fallar muito. Ora, ella explica o facto apparentemente paradoxal de, apesar de tantos melhoramentos realisados em hygiene, em prophylaxia e em medicina, o numero dos obitos annuaes diminuir tão só em proporções insignificantes. N'esta conta, com effeito, inscreveram-se, ha alguns annos a esta parte, duas verbas novas, que, se continuarem a progredir em tão inquietadoras proporções, chegarão de certo a contrabalançar e mesmo a exceder as economias de existencias realisadas pela hygiene e pela therapeutica; quero fallar dos obitos causados pelos accidentes profissionais e pelos accidentes da circulação.

De uma estatistica publicada em dezembro em Washington, resulta que, nos ultimos seis annos, só os accidentes das minas de carvão causaram nos Estados-Unidos a morte de doze mil pessoas. Em 1906, sómente, contam-se por este motivo perto de tres mil obitos. Na Europa, as estatisticas publicadas pelos diversos Estados não fornecem algarismos tão elevados; não obstante, em 1905, os accidentes de diversas minas e de pedreiras causaram mais de mil obitos. Juntem-se a isto os accidentes mecanicos mortaes das fabricas e officinas, proprios do mecanismo contemporaneo, que representam um pouco menos de 10% da totalidade dos accidentes do trabalho, e chegar-se-ha assim a um total já enorme, que infelizmente não se pode precizar bem, por falta de documentos sufficientemente explicitos e completos.

A esta somma vem juntar-se tambem o numero, mais consideravel ainda, segundo parece, dos mortos por accidentes da circulação. Segundo as mesmas estatisticas dos Estados-Unidos em 1906, 10.000 pessoas morreram por accidentes de caminhos de ferro e 70.000 ficaram feridas. Ha cinco annos para cá, a totalidade dos mortos passa de 41.000 e a dos feridos de 250.000. As vias

ferreas consomem, pois, na America, só n'um anno, duas vezes mais existencias que toda a guerra dos Estados Unidos contra a Hespanha. Na Europa, os algarismos a este respeito são tambem menos elevados, e cada Estado paga um tributo que varia annualmente entre 1.500 e 4.000 mortos, segundo a extensão da sua rede. O automobilismo vem quasi immediatamente apoz com um numero rapidamente crescente de obitos. Em França, em menos de dez annos, já tem causado mais de 10.000 obitos. Se se fizesse a somma de todas estas mortes, imputaveis ás causas essencialmente modernas, chegar-se-hia com toda a verosimilhança a uma cifra espantosa.

Tudo isto attesta que o imposto, por nós pago á morte precoce, accidental, é ainda bem pesado, e que,

Se tiver faculdades de analyse, de observação, de synthese, abrange n'um golpe de vista rapido e admirativo o aspecto geral, e descrevel-o-ha em pinceladas largas, traços firmes, seguros, a agua forte, que darão a quem os ler a impressão suggestiva e nitida de toda a paizagem, na sua grandiosidade soberana, na sua manifestação de maravilha.

Se não tiver aquellas faculdades, não saberá fazer a descripção, porque tambem não soube ver nem comprehender.

Não poderá transmittir aos outros uma impressão que não soube sentir; não poderá fazer vibrar em ninguem o bordão sensorio da suggestão realista, porque não soube concretisar em si, a empolgancia emotiva do espectáculo superior que se deparou á sua vista.

Se quizesse fazer um descriptivo de detalhe, de minucia-apoucaria o quadro á reles proporção de uma oleographia barata, para encanto de qualquer creadita boçal, e enojamento do mais mediocre artista de alma vulgar.

Entretanto um poderoso e synthetico observador, collocado junto a qualquer fragmento da paizagem, descrevel-a-ia com a nitidez de uma lente de Goerz. A pequenez do espaço, a estreiteza angular do horizonte, a corteza que a sua *mirada* abrangia, não lhe deram possibilidade de tracejar largo o fundo do quadro, nem amplitude para uma imponencia que não existia; por isso forçar-se-hia a descer ao requinte da minudencia para dar o impressivo da verdade, o suggestivo do real.

Ninguem me negará, em justiça, faculdades de observação. Essas faculdades ahi adstrictas a um campo limitadissimo, tinham que exercer-se de um modo mesinho, pequeno, fragmentavel e minucioso; aqui, que posso ver o homem, a vida, a sociedade, o mundo, a alma, todas as *nuances* do sentimento, todas as manifestações da ruindade; tudo amalgamado, em bloco, n'um conjuncto unico, accorrentadas umas ás outras por laços fataes e indissolveis, não posso dispensar-me, nem fugir da apreciação em globo, n'uma grande synthese, traços fundos e amplos, brisantes, destacados, n'uma polycromia berrante, para ferir causticamente a retina e a memoria, a alma e a razão.

Se um dia tiver que apreciar qualquer dos microscopicos aspectos da vida terrena, então voltarei á dissecação anatomica, na sua mais subtilizada analyse e exposição.

Dize a um bom pintor, que produzisse uma obra prima, de perfeição e côr, na passagem á tela de uma arvore, que reproduza com igual perfei-

MULHERES GALANTES



Cléo de Merode

mau grado todos os nossos exforços, não tende a diminuir sensivelmente. O que de um lado ganhamos, perdemos do outro, como se uma especie de autoregularisação presidisse ao equilibrio entre a vida e a morte. As novas causas de mortalidade, causadas pela propria civilisação, são bem uma prova do que dizemos. Saibamos, pois, fazer sinceramente a conta de tudo isto, quando entoarmos a canção do progresso.

DR. J. LAUMONIER.

ESPIRITISMO

Comunicação de Eça de Queiroz

(Do volume II *Do Paiç da Luz*, no prelo)

(Continuação)

A magestade do quadro ha de empolgar'o. A extensão do panorama ha de impedir-lhe, por impossivel, a minucia da descripção.

ção e nitidez a matta do Bussaco ou o pinhal de Leiria; ao mais brilhante escriptor que estereotypou em poalhas de luz descriptiva, uma pittoresca aldeia perdida na vertente de uma serra, que descreva com igual minucia e colorido a cidade de Paris ou a city brumosa de Londres...

Deixa que cada um falle.

Não te prendas com teias de aranha.

Não faças como as creanças, a quem o medo á correcção materna conserva presas por uma linha ao pé de uma banca. Trabalha, trabalhemos, que sem trabalho não ha seara nenhuma que produza.

Que te importa se não colheres pessoalmente o fructo?

Se todos se acobertassem a essa consideração egoista ninguem faria nada na terra, receosos de que lhes não chegasse a hora da colheita compensadora.

Teu pae mandou plantar arvores de que só os filhos colheram o proveito; e se tu fizeres sementeira de que só as gerações vindouras colham resultado, pagarás a divida ás gerações que te procederam, e á custa das quaes gozas os beneficios de que disfructas.

Não extranhes que os homens se riam, na sua deploravel ignorancia, de que recebas communicações nossas.

Bem merecem que se deixem rir os que nascem a chorar, e que atravessam a vida amarrados á calceta da dôr, re flagellados pelo açoite do desespejo. Se por cada dez que se rirem houve um a quem faças reflectir e parar na inopia espirital da ignorancia, muito terás conseguido.

Este será a boa semente. Os dez do riso serão quantidades negativas e este-reis. Fecharse-hão no seu egoismo, como a ostra na sua casca. Quanto mais esforços se fizerem para a abrir, maior tenção empregará para se conservar cerrada.

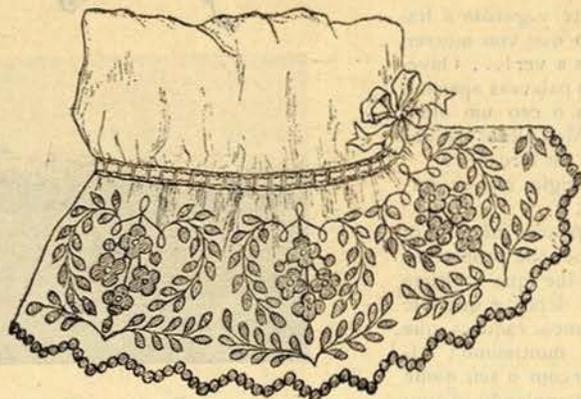
Crystalisarão na sua descrença, vasia de sentimento, retrahida no seu obscurantismo, parados na sua evolução, emquanto o outro, o que meditou e abriu a sua alma a uma nova aurora, aqueceu o seu espirito a uma nova luz, retemperou a sua força em uma nova dynamica, avançará, propagará a idéa nova, diffundirá a semente pura, atravez a sua vida, como o vento rijo do outono semêa, atravez a terra, as sementes que conduz nos seus torvelinhos, ou a brisa cariciosa da primavera leva o pollen fecundante, pelas quebradas fóra.

Um pobre bruto não se rirá porque o raciocinio lhe diga que é cousa improvavel que sejamos nós a escrever para ahi. Nada.

Não se deu ao trabalho de raciocinar. Era causa para fadiga, e elle não quer mais fadigas do que aquellas que veem de uma boa digestão ou de alguma scena carnalmente estúpida, voluptuosamente bestial.

(Continúa).

BORDADOS E RENDAS



A NATUREZA!

Eu amo a natureza! A vida pura,
Das aldeias na sua ingenuidade
Aborreço o bulicio da cidade,
Toda a sua miseria e amargura!

Eu amo a natureza! A viração,
Que perpassa subtil a suspirar...
Dos arriolos o leve murmurar...
Amo a paz, o socego, a solidão!

Eu amo a natureza. A magestade,
Immersa numa calma suavidade,
D'um pôr de sol em tardes de verão!

Eu amo a natureza! Aquella vida,
Tão meiga, tão serena, tão querida,
Tão grata a este pobre coração!

RUSTICO.

Recordação

Foi n'uma tarde calma
e serena d'um alegre dia
de primavera, que se deu
o triste episodio que eu te
confio.

Era ao cahir da tarde. Eu passava, com o espirito em vaga meditação, quando a breves passos, me distrahiu uma agradável appareição... Tinha reconhecido Alice, minha amiga, que eu já de ha muito tempo não via. Aproximei-me, e a alegria instantanea que sentira... depressa se dissipou! Ella soffria, e era tal a phase da dôr em que se encontrava, que ainda não tinha dado pela minha presença, e eu bem perto d'ella estava!

Contemplei por instantes aquelle rosto macilento... e aos labios accudiu-me esta phrase: — Pobre amiga! Em que doloroso estado eu te encontro!

Senti que o coração se me confran-

gia com uma amargura indiscriptivel... porque n'um momento pude avaliar que ali estava uma martyr, suportando uma dôr cruciantissima, e que em pouco tempo a definharia por completo...

Cheguei-me para ella e ousei interrogal-a:

— Que tens?

— Pois tu estás aqui?!... Ainda não tinha dado pela tua presença?...

— Dize o que tens... estás doente... soffres...

— Eu soffro?! Não, não soffro! Relembro dias de felicidade, por isso, sou venturosa. Olha, era além n'aquelle sitio, proximo d'aquella casinha a destacar-se entre os olivaeas, que eu me encontrava quasi todos os dias com Elle... era além... que nós tocavamos eternas confissões de amor... de um amor infinito, casto e eterno... Fomos tão felizes!... mas a negra fatalidade...

Teve que calar-se? Um ataque de nervosimo affectou-lhe todos os membros. Uma crise de lagrimas ardentissimas fez-lhe pender a cabeça. Sobre o meu peito! Vi que desmaiava, e julguei que n'aquelle instante me ficava para sempre nos braços! Oh! Só eu sei o que soffro ainda n'este momento ao rememorar esta scena e contudo já ha tanto tempo que passou...

O ceo permittiu que voltasse a si, e ella me disse de novo: — Não soffro, querida, não te apoquentes. Estes ataques, amidadas vezes me assaltam... Sinto-me reviver. Olha, vejo d'aqui tão bem aquelles logares... Hoje, não tenho forças que lá me levem. Se tal não fosse, tu acompanhar me-ias lá, e verias como aquelle sitio é lindo!... Além, de baixo da abobada celeste, tendo por visinhos apenas os rouxinoes que entoavam seus ternos madrigaes! E agora? Lá cantam, mas com uma melancholia tão profunda! Também elles sentem a nossa separação... a nossa desventura... Que dias... que dias!

Ai! Mas as minhas melhoraes eram illusorias! Eu morro... quero ver mais uma vez aquelle recanto abençoado! Quem sabe? Talvez que eu d'aqui

o veja lá a elle... recordando o passado...

D'ahi a momentos, continuou:

—O coração, bate vagarosa e fracamente... conheço que vou morrer, e não o torno mais a ver!... Ouve-me! Escuta-me duas palavras apenas...

E elevando para o ceo um olhar suplicante, resou:—Meu Deus! Dae-me só mais um instante de forças...

De novo se me dirigiu, mal se percebendo o que dizia:

—Chega-te um pouco mais para mim... assim... Se elle sobreviver á minha morte, dize-lhe que a ultima vontade que eu lhe deixo, é que elle viva... mas que nunca esqueça que eu o amei muito... muitissimo! Affirma-lhe que expirei com o seu nome nos labios... e contemplando d'aqui aquelle *Saudoso local*...

...Adeus!!!...

15—3—908

ESOLINA DOS ANJOS.

Guitarra de Romanol

21

Como o cego rouxinol
Que a vida passa á cantar,
Tuas traças cor do sol
Não me canço de trovar.

22

A vida é pégo verdasco,
A vida é negro soffrer,
A vida é duro penhasco
Mas todos querem viver.

23

Todos fogem da caveira
Movidos p'lo medo atroz
Chora quem d'ella se abeira...
E a caveira a rir de nós.

24

Do Calvario a negra cruz
Erguendo os braços ao ceu,
Tojo o poema traduz
Do martyr que alli morreu.

25

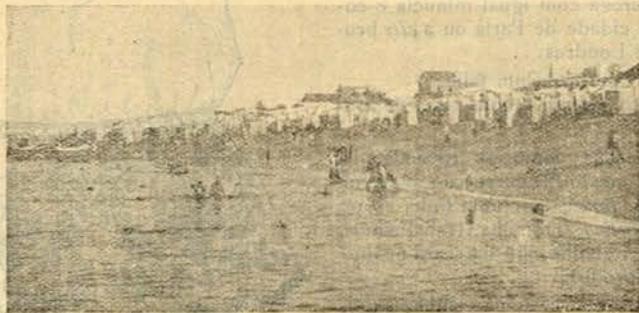
Morre uma estrella ao nascer
Riscando de luz um traço:
Quantas vezes o prazer
Tem de vida o mesmo espaço.

A neta

Em pleno campo divisava se a casita da avózinha, muito alva, muito caiada, a branquejar no meio do pinheiral. A neta, uma creança de quinze annos, linda e bella, era a innocencia em flor. Logo pela manhã ia tratar das suas flores dispostas no quintal que circundava a casa; depois fazia o almoço e levava o á cama da avó, já velhinha e por fim sentava-se a costurar.

E era tão feliz naquelle seu modesto viver!...

Portugal pittoresco



POVOAS DE VARZIM.—Praia de banhos

Um dia notou, ao recommear a tarefa quotidiana que um rapaz a fixava de longe e... estremeceu.

—E' elle, — balbuciu ella, olhos azues, cabellos louros... é elle, o do sonho...

E fugiu.

E depois encontrava-o sempre, pela manhã, á olhar muito triste para a janella do seu quarto; por fim ella deixava-se tambem ficar a fixa-lo...

Que sentimento irresistivel a attrahia para elle?

Mais tarde ensinou-o á avó:

— Quem é aquelle rapaz?

— E' o filho do senhor Conde, respondeu a velhinha muito serena e sem desconfiança alguma.

— Ah! o filho do senhor Conde! repetiu ella como um echo.

«Se fosse da mesma classe que ella» pensava mas não, era rico, muito rico não podia casar com elle.

Desde então entrou a definhar, comia pouco e empallidecia progressivamente.

— Que tens tu? perguntava-lhe a avó.

— Isto não é nada, logo passa.

E assim ia a emmagrecer, a emmagrecer...

Por fim já não se levantava da cama.

«Se elle era rico, era filho do senhor Conde!

A' avó acabava-se lhe a vida ao ver morrer-lhe a neta naquelle definhamento indecifrável.

Um dia encontrou-a morta, a dormir, muito serena, o somno dos justos.

Que choro, que quebramento d'alma o da avó!

Tinha de ser.

Tempo depois via-se um vulto no cemiterio debruçado sobre uma campa.

Era a avó, muito velhinha, que enviava á neta as lagrimas da sua tristeza...

«Se elle era rico, se era filho do senhor Conde!...

Coimbra, 30 4-908.

ABEL GOMES BOTELHO.

Poluta

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe!
Qui sait sous quel fardeau sa pauvre âme
succombe!

— VICTOR HUGO —

Tombou ás mãos do Fado! Habita o lupanar
Apodrecendo o corpo em negregada orgia;
A vida é para ella a mais lenta agonia...
A morte, oh! sim, a morte! o fim do seu penar!

Se acaso ousa surgir á clara luz do dia,
'Scendendo a podridão n'um manto esfarapado,
Jamais um seu irmão a olhou commiserado,
Só vê a Indifferença, o Mal, a Tyrannia!

Convulsa a soluçar, recolhe ao seu covil,
Temendo a Sociedade... a negra fera...
a vil!...
E cae prostrada, enfim, presa d'atroz delirio!

E a que tanto soffreu... rameira sensual...
Fenece a delirar, n'um catre d'ospital,
Tendo aberta no peito a chaga do martyrio!

Lx.º 28-Abril-908.

MAC-ILLERNO.

Pensamentos

Entre os que não conheces não falls
mais que o estrictamente necessario.

Instruir é construir.

VICTOR HUGO.

Morrer a tempo, é viver.

JOÃO REVOLTA.

Epigramma

Inquirira um avarento
De um medico de valor:
— «Será verdade que a febre
Nos sustenta, meu doutor?»

A' affirmativa resposta
Tem o avaro esta sahida:
— «Se o doutor pedesse dar-me
A febre por toda a vida!...»

ARTE DE TEATRO

Hoje entro de vez na análise psicopatológica da *Mã Sina*. Já não é sem tempo. Também está por pouco. Inconveniências dos *Azulejos* serem semanario e o espaço ser acanhado. Vamos a isto que é uma pressa. Primeiro tem a palavra a crítica officiosa; depois farei eu conforme puder e souber.

«... Tanto pela peça em si como pelo desempenho, esta representação marca o que se chama um successo». 1. «Foi um verdadeiro e legitimo successo, sob todos os pontos de vista a primeira representação da *Mã Sina*». 2. «Emfim a peça obteve um verdadeiro successo». 3. «... deixaram em todo o publico uma viva, brilhante e consoladora impressão d'arte». 4. «Agradou sobremaneira...». 5. sendo por isso digna não só de registro como dos louvores devidos a uma obra sã... 6. Raras vezes temos visto representar uma peça dramatica de costumes populares que mais nos agradasse». 7. O publico acolheu a representação da peça com demonstrações de enthusiasmo». 8. «... O publico aplaudiu com enthusiasmo justificado». 9. «O publico consagrou o novo trabalho do escriptor». 10. «Obteve um successo a primeira representação...». 11. «A carinhosa aceitação pelo publico feita ao seu trabalho». 12. «*Mã Sina* é um espectáculo que merece ver-se, e um trabalho que merece applaudir-se». 13.

Salvo *O Pai*, todos toram sollicitos em dizer que a peça tinha agradado ao publico. Quando um critico confessa que a peça agradou ao publico, — que em teatro, é o espectador de boa fé, o que vae á bilheteira, compra o seu logar e senta-se alheio ao que d'ahi a pouco se desenrolará no proscenio, é porque a peça tem condições de sentimento ou de raciocinio para satisfazer os desprevenidos. E quando o publico se subleva ou humilha, chora de raiva ou ri convulso, é porque o ambiente dramaturgico o agita, tornando-o joguete desse invencivel fenomeno biologico: o determinismo. Que bem se lhe pode chamar agora: determinismo scenico.

«Além de ter um cunho acentuadamente nacional, possui profunda observação e theatro». 14. «... Estão tratados com muita observação...». 15. «... Simples na sua acção, atraente, captivante, como aliás o são sempre todos os episodios caracteristicos da vida campestre...». 16. «... observou o melhor possivel os tipos e o meio...». 17. «... A peça tem um tipico popular...». 18. «... Regionalmente bem observada...». 19. «... A paz das almas coaduna-se com o remanço da paisagem e a monotoria das aguas correntes...». 20. «Tem o teatro, dialogo bem conduzido e apropriado ao meio em que a acção se desenvolve...». 21. «... A perfeição da linguagem regional...». 22.

«Falei em theatro regional, é nelle que a *Mã Sina* justicadamente se cataloga...»

23. Com poucas excepções, os criticos disseram ter recebido a impressão agreste, solar, rustica e aromatica da paisagem ribatejana. *Cheirou-lhes* a campo e a retina se foi habituando a encarar aquellas personagens perfeitamente metidas no caixilho trabalhado pelo autor. Muito bem. Outros houve que o não lançaram ao papel; mas lêse-lhe o vago desejo nas classicas entrelinhas...

«Commovendo poderosamente a plateia, sabendo arrancar efeitos dramaticos de gran-

de intensidade». 24. «... deu margens a scenas dramaticas quentes a bem conduzidas». 25. «... havendo scenas de grande intensidade dramatica, cheias de naturalidade, e de veras humanas». 26. «Não ha, ali, com efeito carpintaria armando á sórna sensibilidade do espectador, antes este sente dobrar-se sob a dôr que correntemente absorve e punge cada uma das personagens». 27. «A *Mã Sina* é uma cadeia de situações vivas, descendo do 1.º ao 3.º acto, como uma avalanche». 28. «... altamente commovedor, de dialogos curtos e violentes...». 29. «É simples a acção; mas está lindamente tratada e com que vigor!» 30. «Em toda a *Mã Sina* ha um rigoroso colorido, sobriedade de tons...». 31.

A critica officiosa sentiu o tal *frisson* dos francezes, e uma coisa pela espinha abaixo, dos portuguezes, Não o nega. A peça commoveu-a, a ella, tão esquivia a lagrimas pro-

Figuras do Palco



Actriz Izaura Ferreira

(Do Teatro D. Amelia)

vocadas por um conflito scenico; a ella, que mal põe o pé no peristilo do teatro, já desenha nos labios o despeito ironico ou a chuchadeira alvar; a ella, tão prostituida pelo compadrio, que lhe desvirga a boa-fé; a ella, que é toda idéas preconcebidas. Ah! *Mã Sina*, que fizeste!

«Felicitémos Bento Mantua, que é não só novo no theatro como na idade, deixando-nos antever outras obras de pulso. A d'agora honra-o sobre maneira...». 32. «... todas as condições d'um escriptor dramatico de pulso, confirmou-as hontem plenamente no seu trabalho...». 33. «... vem neste seu novo trabalho evidenciar mais o seu bello talento e facultades de dramaturgo, de quem ha muito a esperar e futuro...». 34. «O teatro portuguez pode contar com um novo e donodado campeão, dos mais galhardos da resumidissima phalange, que em tão restricto meio, quebra lanças pela alta literatina dramatica». 35. «... revela-se-nos um promettedor escriptor dramatico». 36. «... documenta poderosamente as qualidades dramaticas do seu moço autor...». 37. «... começa a sua carreira de auctor dramatico com o pé direito». 38. «*Mã Sina*, é a estofa d'um escriptor de theatros». 39. «... entra galharda e decididamente, no numero restricto dos nossos dramaturgos aptos...». 40. «... pode-se registar um nome que em nada afogueará as faces d'aquelles que teem de o acolher». 41. «... Acaba de confirmar qualidades in-

contestaveis de escriptor dramatico». 42. Bento Mantua, inspirou periodos bem feitos, tropos melhor trabalhados. A sua idade juvenil, proporcionou aos criticos pedacinhos de literatura hospitalieira. Falaram-lhe do pulso! Viram-n'o entrar com o pé direito! E quem soffreu com essa bisbilhotice foi a comprehensão filosofica da peça — motivo unico que deveria leva-los a discutir para orientar o ingenuo publico que nelles se fia.

«O entreocho não é complicado — trata-se de amor de dois irmãos pela mesma mulher, que a um delles deve a honra, e a outro a vida». 44. «Antonio, é um honrado moleiro que teo dois filhos, Manoel e Pedro. O primeiro espirito irrequieto, segue um dia por esse mundo além, em busca de fortuna, e aborrecido da casa paterna... Fascinado pelos encantos da rapariga...». «E salva por Pedro que a pouco e pouco se vai afeiçoando á rapariga...». 45. «... Um delles por lhe ter salvo em tempos a honra, matando por annos da escolhida do seu coração. O outro por lhe haver defendido mais tarde a vida, arrancando-a da miseria, emquanto o irmão jazia na cadeia, e tornando-a sua companheira». 46. «... mata um manageiro em defeza da honra duma rapariga...». «Pedro leva o pae a guardar a gentil e loira desgraçada na azenha, apaixona-se por ella, persegue-a, lança-lhe em rosto que lhe deve a vida». «Maria cedeu-lhe, fez entrega do seu corpo, mais por violencia, mais por gratidão... do que por corresponder a esse affecto... dá-lhe a entender que o ama...»

47. «Manel abala certo dia para a jorna na campina alemtejana...». «... uma rapariguinha loira chupada pelo trabalho... e um mocetão mal encarado, agreste, atrevido, conhecido pelo manageiro...». «Manel gostava da *Princeza*... atira-se á agua, e salva a *Princeza*, do suicidio, e faz della depois sua amante. O pae, o velho moleiro, não acha mal. Tudo o que faz o filho Pedro, é bem feito...». «O panno cae no ultimo depois de Manel abraçado á *princeza*, abandonar a azenha, exclamando:—E' este o primeiro dia feliz da minha vida!» 48. «... assassinara um homem para salvar a honra duma rapariga que trabalhára com elle nas ceifas...». «Nunca mais vira a ceifeira de cabelos louros, a quem, desde então, ficara amando perdidamente...». «... então o pae, sendo na arca patriarchal, vagarosamente carrega a arma com que o hade matar, quando elle voltar... pois está bem certo de que hade voltar». 49. «... Amam ambos a mesma mulher. E, se o criminoso se sente com direitos adquiridos á sua posse, o outro tambem defende e apresenta os seus, pois a salvou da morte contra a levada inpetuosa a que ella se arrojou para se matar...». «... Vence, Manoel, levando a rapariga consigo, livremente...» 50.

Continuando a exceptuar *O Pai*, vê-se bem que os outros criticos, cada um de per si, deu ao seu publico uma impressão suggerida pelas palavras ouvidas só de vez em quando, por negligencia da dicção d'alguns interpretes. Da em resultado que o entreocho contado por elles é meada impossivel de destrinçar, o que provoca no leitor intelligente a pergunta certa: «Então aquelle Manoel matou o manageiro, por ciuume ou por defender um ente fraco da força auctoritaria do pretensio violador? A *Princeza*, já tinha notado Manoel ou só o viu quando elle a defendeu, como poderia defender outra qualquer creatura? Não ha homogeneidade; ha incoherencia. E essa incoherencia aparece em detrimento do auctor. E: o peor é que um enredo assim descrito, faz com que a psicologia das diferentes personagens seja falsa e se julgue leviandade de concepção. Depois de transcrever algumas scenas da peça, as que podem conduzir o leitor á perfeita deducção do mobil da *Mã Sina*, facilmente se conclue a leviandade da critica officiosa. Perscrutar qual o

fundo psíquico da obra teatral para elucidar o leitor, seria favor inescusável. Mas também é justo que vá um pouco a favor da crítica, pois a interpretação foi causa principal da injusta receptividade. E para o qual verei e verêmos.

Aquelle Antonio, é o prototipo da ignorancia do homem de campo. Ignorancia, filha de todas as superstições. Sabe-se o que a superstição faz do homem. Aniquila-o moralmente e joga com o seu caracter, manejando-o a seu sabor. No povo existe a crença de que a criança que ao nascer provoque, por complicações puerperaes, a morte da mãe, é um ente de futuro incerto a quem presagiam mau fado. O Manoel, é uma desses infelizes. Desde que vagiu teve por carinhos as lagrimas raiosas de seu pae, e, por benção, o gesto desesperado da viuvez. Peitos adventicios alimentaram-n'o; A cada choro soluçante, uma praga soltava-se dos labios do moleiro, a amedrontá-lo. O seu primeiro gesto consciente foi de medo inspirado por um olhar severo. Creou-se n'uma inquisição moral. Enquanto os outros da sua idade, dormiam encostados a peitos amigos, elle foi atraido ao monte para guardar o gado innocente. Depois fez-se homem á custa do seu proprio esforço. Dependia só de si. Correu terras até que no Alentejo se deu o episodio que lhe determinou a vida cruenta.

Pedro, é ente mimado, o filho-familia, sem abnegações, sem heroismos. Vivendo amparado ao pae. Inutil, se elle lhe morre. Sem a escola da vida — a unica que ensina. Esquecido do irmão, por uma falsa moral educativa. Salvou Maria, como poderia ter salvo outra mulher que não fosse loira. Depois viu-a nova e pareceu-lhe virgem. Auctoritario impoz-se-lhe. Conseguiu-o com o prazer da animalidade, sem amor da violentada. Deixa partir Maria, não porque a não queira, mas porque ao irmão nada o impedirá de lhe fazer o mesmo que fez ao managerio. O caso é perceber despotismo carnal, sem afeições a suavisa-lo. E' um covarde por instincto de conservação. Nada mais.

Maria, é um exemplar vulgarissimo das muitas edições que a sociedade madastrada deita ao mercado da vida. Com a diferença: a Maria, da *Mã Sina*, é uma brochura limpa, sem rasuras; as outras estão encadernadas pelas conveniencias: lombada alvacenta e paginas maculadas pelos caprichos burguezes. E' ceifeira rude com revêrberos de esthetica simples. O sol receia queimar-lhe o rosto corado e os cabelos d'ouro. Parece que os doira mais. Nunca olhára para um homem. O gesto brutal do managerio, obrigou-a a atentar no seu anonimo defensor. O que lhe repugnava não era o homem; era a imbecilidade da acção, a auctoridade do desejo. Acordaram nella os sentidos, para logo velados num pudor não fingido, mas natural, humano e forte. Sentiu o rastejar do sapo. As visagens de nojo, enfureciam-n'o. Foi quando percebeu a generosidade duma alma desconhecida. Fugiu. Nem olhou para traz. Ainda procurou Manoel. Não queria prostituir-se, como as outras, mais fracas do que ella e menos lindas. Ao que ouvia chamar honra, era para ella a vida. E a vida resumia-se no ceifeiro generoso e ativo. Não o encontrou. O seu cerebro cheio de lendas ouvidas em lareiras, outr'ora amigas, encaminhou-a a um rio abundante. Entreteguiu-se-lhe. Horas depois viu-se numa azenha, rodeada por dois homens. Reconheci-a agradeceu-lhes a hospitalidade; não, a salvação. Depois entregou o corpo; não o sentimento. Encontra de novo Manoel e vae com elle purissima, para se lhe dar livremente sem honestidades convencionaes.

O espaço é tão acanhado que me vejo na dura necessidade de continuar no proximo numero a mão-cheia de considerações sugeridas pela *Mã Sina*. Falarei da interpretação; cada um de per si. De quanto e como o sr. Brazão errou. Como é idolo, tenha paciencia. Os deuses também se apeiam. Tem sido esse o trabalhinho dos descrentes. Merecerá especies cuidados a

encenação, scenografia e a boa vontade da empresa do D. Maria

MARIO LAGE.

1. 24. 32. 44. *Seculo* 2. 14. 25. 33. *Diario de Noticias*. 3. 15. 26. 34. 45. *Epoca*. 5. 16. 36. *Vanguarda*. 6. 17. 37. 46. *Mundo*. 7. 18. 38. 47. *Noticias de Lisboa*. 8. 28. 48. *Novidades*. 9. 29. 40. *Dia*. 10. 20. 30. 49. *Correio da Noite*. 11. 41. *Portugal*. 12. 50. *A Republica*. 13. 23. 43. *A Lucta*. 22. 42. *Brazil e Portugal*. 19. 27. 39. *O Libe'al*. 31. *Diario Illustrado*.

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

Da ultima corrida do Campo Pequeno sahio o publico bem impressionado. Conquanto, nem tudo fosse digno de applauso, foi mais a percentagem dos trabalhos que agradaram.

Bombita, o mesmo de sempre, artista de filigranas e trabalhador incansavel, arrancou bastos applausos ao publico que quasi por completo enchia as bancadas e os camarotes. Tanto a bandarilhar, como na brega ou com o capote e muleta, Ricardo Torres provou bem estar com vontade de ganhar o dinheiro.

As honras da tarde cabem, sem duvida ao cavalleiro José Casimiro d'Almeida, pela lide brilhantissima que deu ao quarto bicho de Valle Figueira.

Não se pode ser mais correcto nem fazer alarde de maior valentia. Bravo! No seu segundo, ou seja o 9.º da corrida também o novel cavalleiro esteve muito bem, fechando o seu trabalho com um curto primoroso, collocado de alto a baixo.

José Bento o mesmo cavalleiro alegre de sempre, mas toureando já com muitas defezas, foi applaudido.

Os peões todos diligenciam levar muitas palmas e trabalhos houve que as mereceram.

Maera, que reapareceu, vem cheio de defeitos adquiridos no Brazil, onde teve de entender se com touros corridos e sabidoes.

Alfredo dos Santos, que também reapareceu, continua a mostrar que tem vontade de progredir, mas continua também mostrando grande ignorancia. Aquelle *quebro de rodillas*, junto ao sector 4, que o ia mandando para o ceu, aquelle cambio na que rença do touro, proximo ao sector 6, que o ia enviando para o inferno, aquelle malvado salto de vara, e aquelle infeliz sorte de cadeira, não contando com os bernalitos com que mimoseou os seus touros, são defeitos de que deve procurar emendar-se.

A respeito de forcados... já está dito em numeros anteriores.

A direcção, á parte aquella péga no 3.º touro, não foi má de todo.

ÊMECÊ.

Atenção para o grande concurso do AZULEJOS.

Encadernações da 1.ª e 2.ª Série. Veja nas capas.

O Tamborsinho Sardo

POR

Edmundo de Amicis

(Conclusão)

Com effeito, da mão mal ligada do capitão, caíam, pelos dedos abaixo, algumas gotas de sangue.

—Quer que eu lhe aperte mais a ligadura, meu capitão? Faça favor de pôr aqui a mão, um momento.

O capitão apresentou a mão esquerda, estendendo a direita para ajudar o rapaz a desfazer o nó e tornar a fazer-o; mas o tamborsinho, meio erguido apenas do travesseiro, empalideceu e deixou cair de novo a cabeça.

—Basta! basta! disse o capitão, olhando-o attento e retirando a mão ligada que elle tentava reter. Cuida em ti em vez de cuidares nos outros; as feridas leves descuradas podem tornar-se graves.

O tamborsinho abanou a cabeça. —Mas tu, continuou o capitão fixando-o attentamente, deves ter perdido muito sangue para estares debilitado d'esse modo...

—Perdido muito sangue? — respondeu o rapaz com sorriso — perdi mais alguma coisa... olhe meu capitão... E tirou de repente a coberta.

O capitão deu um passo á recta-guarda, horrorisado! O rapaz tinha apenas a perna direita, a esquerda fora-lhe amputada por cima do joelho. A coxa estava embrulhada em panos ensanguentados. Passava n'aquella occasião, em mangas de camisa, um medico militar, pequeno e gordo, que disse indicando o tamborsinho.

—Ahi tem, senhor capitão, um caso bem desgraçado. Salvava-se-lhe facilmente a perna se elle a não tivesse forçado do modo louco por que a forçou... Depois veio uma inflamação enorme, e foi necessario amputar-lh'a, redondo, como vê. Oh! mas é um bravo este rapaz! asseguro-lh'o eu. Nem uma lagrima! nem um grito! Orgulhava-me de que elle fosse italiano quando o estava operando. Palavra de honra! este, por Deus, é de boa raça!

E seguiu o seu caminho...

O capitão carregou as grandes sobancelhas brancas, olhou fixo para o tamborsinho, e tornou a estender-lhe a coberta por cima: depois, lentamente, quasi que sem se aperceber do que fazia, e fixando-o sempre, levou a mão á cabeça e descobriu-se...

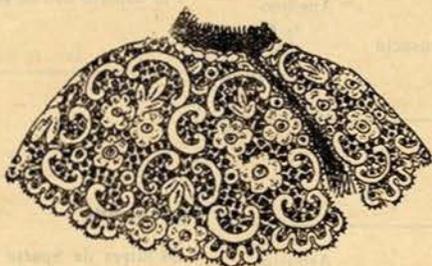
—Meu capitão! respondeu o rapaz maravilhado. Que faz, meu capitão? Isso é pr'a mim?

E n'este momento aquelle rude soldado, que nunca dissera uma palavra branda a um inferior qualquer, respondeu com uma voz indistinctamente affectuosa e doce:

—Eu não sou senão um capitão, e tu és um heroe.

Em seguida debruçou-se para o tamborsinho, e beijou-o tres vezes sobre o coração.

Modas e Confeções



COMEDIANTES

IV

Adelina Abranches

Não conheço estatura pequenina, que maior artista seja.

Adelina Abranches, é filha do povo, e podia, como outras collegas suas, não atestar a sua prevenida. Fingir de nascida em ataviado leito. Mudar de personalidade e imitar fidalguias. Mas, não. Adelina não se sente bem a interpretar grandes damas. As mulheres do povo merecem lhe desvellos d'artista e, por uma natural solidariedade, obriga a plateia a ter lhes simpatia.

Adelina é uma comediante de sentimento, e não de raciocínio. Sentimento depende o á larga. Raciocínio, falta-lhe por não ter sido educado. Isto é, as suas interpretações saiem-lhe do coração, como das nuvens caem copiosas chuvas.

Se o sentimento tivesse por base o raciocínio, todo o trabalho de Adelina sairia inesquecível. D'ahi o erro, por desconhecer preparos de artista conscienciosa.

A sua «Maslowa» da Ressurreição, se fosse raciocinadora nos momentos em que Tolstoi lhe insuflou revoltas, maior seria. Assim ficou na retina dos espectadores como um modelo resignado de creatura determinada a só sofrer. E Adelina errou por desconhecer a filosofia da peça unica em que Tolstoi não christianisou.

Claro que este facto não aniquila o grande valor scenico de Adelina, pelo contrario. Mas serve para dizer quanto atrazo existe na mentalidade dos artistas dramaticos portugueses.

MARIO LAGE.

No proximo numero publicaremos o elogio — critico do actor Eduardo Brazão.

— VÉRSOS —

—D'un livro em preparação—

São fios delicados d'um colar
Ou joias preciosas d'um diadema,
São pétalas de flor ou flor's d'um ramo
Que os sabios chamam, com amor, poema.

São lagrimas d'amor cristalizadas,
São gritos d'alma, at'mos d'ilusões,
São élos sublimados com que Vénus
Prende a sorrir dois ternos corações.

'strelas cadentes a fulgir no mundo,
Perolas d'uma concha cubizada
Que o poeta arrancou d'um mar profundo

A que chamaram alma.—Um mito?... O nada?...

São inda o desafojo gemebundo
D'esta minha existencia atribulada.

Porto-1907

HUMBERTO BEÇA.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Luisa L.

V. Ex.^a é um anjo, isso vê-se logo, mas é um anjo com figado, baço e concomitantes miudêzas: em compensação, faltam-lhe as azas, atributos que a anatomia de seus congêneres celestes não dispensa, e, mercê dos quaes, fazem com o corpo o que V. Ex.^a faz com a imaginação: voar!

Não deploro o facto de não sêr alada fisicamente; têr azas é têr penas e eu desejo que V.^a Ex.^a só posua as que lhe adornem o chou ou a cloche. Pênas de coração só as terá se quizêr, pois que, sendo a amatividade a pedra angular do sumptuoso edificio de seu sêr amigico, é para tremêr que, levada pêla mão da vaidade ou da leviandade, seja conduzida á caverna da Paixão, triste local onde se desencadeiam constantemente as tempestades da Vida.

Um casamento d'amôr é, a meu vêr, a gruta azul que a cheia nunca atingirá. Entre, minha Snr.^a entre nêsse encantadôr refugio e verã conservarem-se sempre sêcas as delicadas sólas dos seus lindos sapatinhos de setim branco.

Tenho a certêsa do que avanço!
Ou eu não fôsse bruxo!

Consulente: — José F. S.

Parabens! — O Snr. é o que lá em Portugal se chama: um burrinho de sorte, sem ofensa, já se vê, ao logar que o querido consulente ocupa na escala zoologica.

Pouco tenho a dizêr-lhe, mas esse pouco é bom. E' um horoscopo como uma trouxa d'ovos (mandaram-me de Lisboa uma caixa délas; são divinas), curto e dulcissimo.

Ora lá vae, Snr. gulôso!

Empreendimento, energia e perseverança em todas as operações da sua vida individual e social.

Desêjo, direi mêmso paixão, em buscar e conhecêr tudo que fôr difficil de conhecer e buscar.

Ância de sabêr; amôr da sciencia e do bêlo.

Ponto nêgro: mau para inimigo!
E d'ahi... talvez seja um ponto branco.

Sabe, querido consulente, fique gostando imenso dos doces d'ovos lusitanos...

Se quizêr enviar-me alguns; a redação do *Azulejos* encarrêga-se de m'os fazer chegar á bôca.

G. C.

Veja-se nas capas a senha de consulta e demais requisitos.

Semana Alegre

N'umas thermas:

—O senhor acredita na virtude d'estas aguas?

—Muitissimo. Desenvolveram tal appetite a minha sogra, que morreu de indigestão!

—Esta semana vamos ter um magnifico eclipse da lua.

—Oh! não diga nada a minha mulher!

—Porque?

—Porque é capaz de exigir um vestido novo para a noite do acontecimento.

A uma loura

(A' guitarra)

I

Que precioso thesouro
A tua trança dourada!
São madeixas d'uma fada
Tecidas de fios d'ouro.

II

Os lusídios cabêllos
Sedosos, que tu me deste,
Ai, fascinaram-me ao vê-los
Tão louros, anjo celêste.

III

A tua fronte tão bella,
Candurôsa e perfumada,
Oh! como é linda, donzella,
D'aurea trança engrinaldada!

IV

Formosa da loura trança!
Donzella dos nêgros olhos!
Desde que te vi, creança,
Tenho vivido entre abrólhos.

V

Vive tão apaixonada
Esta minha alma, formosa!
Desde que vi tão sedosa
A tua trança dourada!...

Porto.

PINTO FERREIRA

Cumulos

Do Moleiro — Moer a paciencia do proximo.

Do medico — Salvar a sogra.

Do padeiro — Coser pão com agulha.

Viver triste na praça da Alegria.

VARIEDADES

Batatas á Azulejos—Corte em bocadinhos algumas cebolas e faça refogado em manteiga. Quando alouradas, junte batatas cruas, cortadas em cruas, polvilhadas com sal, pimenta e salsa picada.

Depois deixe coser lentamente e sirva.

QUAL É A COISA,
QUAL É ELLA?

O GRANDE CONCURSO

DA 3.^a SERIE

Cinco premios

- 1.^o — Um relógio d'ouro (Zenith).
- 2.^o — Uma palmatoria de prata.
- 3.^o — Uma biscoiteira.
- 4.^o — Uma collecção do «Azulejos» encadernada em percallina.
- 5.^o — Uma assignatura gratis para a 4.^a serie.

Condições do Concurso

- 1.^a — Decifrar, durante os 15 numeros da 3.^a Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
- 2.^a Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.^a condicção do concurso, augmentando-lho o prazo, assim:

Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervalo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.

A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.

As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Decifrações

Do numero 31

Astrolabio — Cordão — Eufemia — Morse — Abrunho, anho — Camarão, Marão — Fura, furão — Nem sabbado sem sol nem moça sem amor — Morto o afilhado desfeito o compadrado — Amor, amor, principio mão e fim peor — Abutre — Abelha.

Do numero 32

Parafuso — Taurono — Certa, Certã — Almiscareiro, almiscareira — Pechoso — Odo — Caçarola — Amigo quebrado soldará, mas não sarará — O amor não tem lei — Lucta.

Decifradores

DOS
N.ºs 31 e 32

Rainga-N.º 31, 6, N.º 32, 6-(12) — Ojuara-N.º 32, 3 — Savalidade N.º 32, 2 — E. Pincho-N.º 31, 7, N.º 32, 6-(13) — Lovellos Irmãos-N.º 31, 6 — José-N.º 31, 6 — Celeste-N.º 31, 10, N.º 32, 7-(17) — Jó Féra-N.º 31, 7, N.º 32, 6-(13) — Natalia-N.º 31, 4, N.º 32, 4-(8) — Cardoso e Salgado-N.º 31, 6, N.º 32, 4-(10) — Litras-N.º 31, 9, N.º 32, 7-(16) — Sombrio-N.º 31, 7, N.º 32, 8-(15) — Um Garibaldino-N.º 31, 6, N.º 32, 2-(8) — Ramito-N.º 31, 6, N.º 32, 2-(8) — Adegas-N.º 31, 5, N.º 32, 5-(10) — Boavida-N.º 31, 9 — N.º 32, 7-(16) — Almeida Cyrne-N.º 31, 7, N.º 32, 3-(10) — Giliosa-N.º 31, 6, N.º 32, 4-(10) — A. de Carvalho-N.º 31, 4, N.º 32, 4-(8) — Ziram-N.º 31, 11, N.º 32, 8-(19) — Sado-N.º 31, 5, N.º 32, 5-(10) — Açnarepse-N.º 31, 7, N.º 32, 6-(13) — E. de Sousa-N.º 31, 5, N.º 32, 3-(8) — Orpheu-N.º 31, 7, N.º 32, 5-(12) — Ginginha-N.º 31, 7, N.º 32, 6-(13) — Um cabo do 11-N.º 31, 7, N.º 32, 6-(13) — Ze João-N.º 31, 11, N.º 32, 8-(19) — Bailio-N.º 31, 6, N.º 32, 6-(12) — R. Passos-N.º 32, 3 — Cabeça d'Agua-n.º 31, 8, n.º 32, 8-(16).

Um Garibaldino — Mande nome e m o-rada.

Logogriphos

Na carruagem

1, 2, 3, 4, 5

Apellido

6, 7, 8

Inseto

LITRAS



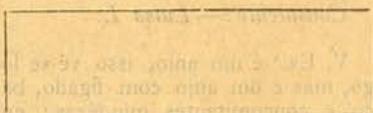
Nota

1, 2

Arbusto

3, 4, 5

Bipenne

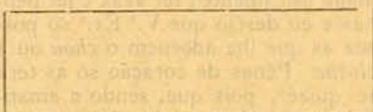
TIRA MITRAS & C.^a

Charadas

Novissimas

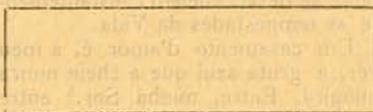
Ligeira a correr no mar-2-2.

R. D.



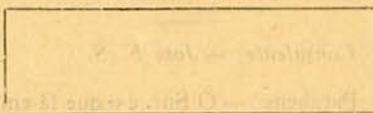
E' bojudo da cara este personagem mythologico-2-1.

JÓ FÉRA



Não é boa e ainda zomba d'esta nota que todas as senhoras casadas teem-1-1-1.

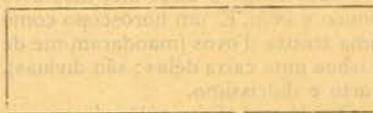
STOCK



Na casa e no verso-2.

Canto

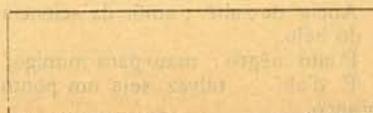
PUMPUM



Biforme

O tribunal julgou hoje o primeiro forasteiro-3.

AÇNAREPSE



Dupla

Um homem deu de esmola uma moeda-3.

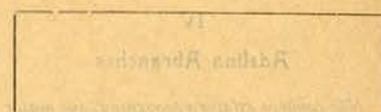
D. QUIXOTE



Syncopada

Os juizes de Sparta visitaram as herdades-3-2.

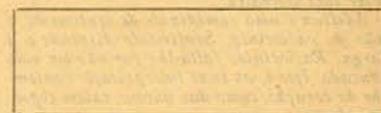
DIVINO



Paronyma

E's um grande ignorante! Não conheces este animal?-3.

CAROCHA

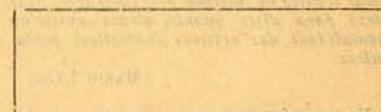


Enygmas

Por iniciaes

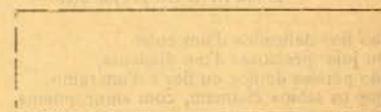
P V É E D A
2 2 I 4 I 2

OJUARA



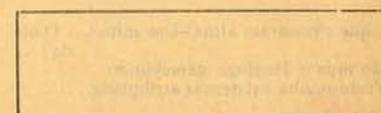
M A C D T I N V C S
2 I 2 I I 2 I I 2 2

UM GARIBALDINO



B D S C V C V
I I 3 3 I 3 I

SADO



Artigos a decifrar, 13.

Grande Alfayataria
TESOURAS DE OURO

ALFREDO V. ROSA

Rua da Palma, 140, 142 e 144

Completo sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras.

Fatos elegantes e de boas fazen-
das desde 68000 reis.

MESTRES DE CÔRTE DE 1.ª ORDEM

A melhor alfayataria de Lisboa

Dá senhas do Bonus Universal

A. P. FERRAZ

Chapeus para senhora e creanças

RUA DO OURO, 231

(Primeiro quarteirão vindo do Kocio)

Aluga-se

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.ª e 2.ª Serie do AZULEJOS, em panno chagrin e cabeçalho e lettras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

500 RÉIS

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte de 200 réis.

OLIVIA

VALSA

João P. Mineiro.

PIANO

lento

p

The first system of musical notation for 'Olivia' consists of a grand staff with a treble and bass clef. The tempo is marked 'lento' and the dynamics 'p'. The music begins with a series of chords in the bass and a melodic line in the treble.

1. *vivo ff*

2.

The second system of musical notation features a first ending marked '1.' with a tempo change to 'vivo' and dynamics 'ff', and a second ending marked '2.'. The music is more rhythmic and energetic.

The third system of musical notation continues the piece with various rhythmic patterns and chord progressions.

The fourth system of musical notation continues the piece with various rhythmic patterns and chord progressions.

lento

p

The fifth system of musical notation returns to a slower tempo, marked 'lento' and 'p'. The music is more melodic and expressive.

Coda

mf

The sixth system of musical notation includes a 'Coda' section, marked 'mf', which serves as a concluding passage for the piece.

amoravel

The seventh system of musical notation is marked 'amoravel' and features a series of chords and a melodic line.

The eighth system of musical notation continues the piece with various rhythmic patterns and chord progressions.

1. 2.

B.C.

The ninth system of musical notation includes a first ending marked '1.' and a second ending marked '2.', leading to the 'B.C.' (Bis-Cadenza) section.